



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Janeiro de 2019 – Nº 57

ISSN 1518-1766

ALB

UM TRIO DE CANTADORES ENCANTADOS¹

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

Eles vieram do Nordeste procurando uns retirantes que haviam arribado na cidade há alguns dias. Era um casal que não conseguia hospedagem porque não tinha documentos e se vestia com roupas rasgadas, não de boutique da moda, mas de brechó. O marido um desempregado, sem carteiras de identidade e de trabalho. A esposa uma menor prenha de nove meses. Na última pensão, o dono disse a eles que sem documentos eles não seriam aceitos nem na Zona e o melhor era dormirem num curral, ali perto, de graça.

Cansados, aceitaram a sugestão. Deitaram-se numa esteira de babaçu e o marido pensou: pela manhã ordenho uma vaca e quebro o jejum de minha pequena. Mas naquela mesma noite a esposa entrou em trabalho de parto e Zé Carapina lamentou que a sogra, sinhá Santana, não estivesse ali para ajudá-lo. Por instinto pegou um cacumbu que levava no gibão e cortou o cordão umbilical de Emanuel, que acabara de nascer.

Logo a notícia do nascimento de um bacuri que faria maravilhas se espalhou pelas feiras. Belchior, cantor tido como maldito, montou na moto, já que haviam matado todos os jericos e éguas do sertão, para pedir ao menino a mudança de sua sina. Na estrada encontrou Baltasar, um cabra tocador de zabumba e triângulo, que viajava numa cinquentinha. Numa noite escura, o pneu de uma das motocas furou, foi quando apareceu, como um fantasma, um rapazola enrolado num lençol. Ele perguntou o que aconteceu,

¹ Publicado originalmente no jornal A Tarde, em 31/12/17.

cobriu a moto com o lençol, disse “abracadabra”, assoprou e o pneu se encheu.

Os dois se assombraram, mas ele os tranquilizou dizendo que ele era apenas aprendiz de magia, malabar e astrologia. Como os dois se baratinavam nas trilhas da catinga, pediram ao moço para orientá-los. Gasparzinho olhou para o céu, viu uma “nova” e disse que era naquela direção e os acompanharia na boleia. Nas vilas em que passavam, o trio fazia sucesso tocando, cantando e ilusionando. Eram os Reis do Forró Encantado.

A estrela os levou à mansão do coronel que dominava, há 40 anos, a terra bendita do Círio de Nazaré, um cabra aloprado, que ouvira falar do menino e temia que ele tomasse seu posto. Ele queria mandar seus lobos maus pegar as criancinhas pra fazer mingau. Perguntando a um e a outro, o trio chegou a um igarapé, nos afores de Belém, onde já havia pastores, ovelhas e um boto cor-de-rosa. Belchior ofereceu ao casal um pé-de-meia com cruzados e reais, Gasparzinho, que encantou o bacuri com malabarismos, deu ao pai um incensador de rodopiar no ar, e Baltasar presenteou um unguento de sebo de carneiro para as assaduras e cinco panos de linhagem para servirem de fraldas. Começaram então a tocar, cantar e fazer voar tochas de canela-de-ema pelo ar. As pastorinhas se enfeitaram com flores de bonina e começaram a cantar e a dançar. Assim nasceu o Terno de Reis.

Paulo Ormindo de Azevedo é arquiteto e urbanista pela UFBA, doutor em conservação de monumentos pela Universidade de Roma, La Sapienza, 1970. É professor titular aposentado da UFBA, jornalista e “escritor nas horas vagas”, ocupando, desde 1991, a cadeira n° 2 desta Academia. Coordenou o Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, obra em sete volumes, pelo qual recebeu o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade, do IPHAN, em 1999. É autor de livros e artigos na sua especialidade e de projetos de restauração

